

Um caleidoscópio da revolução: Resenha de Traverso, Enzo. *Revolución – una historia intelectual*. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2022.

A kaleidoscope of Revolution: Review of Traverso, Enzo. *Revolución – una historia intelectual*. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2022.

Un caleidoscopio de revolución: Reseña de Traverso, Enzo. *Revolución – una historia intelectual*. Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2022.

144

**Hernandez Vivan
EICHENBERGER**

jarivaway@gmail.com

Professor de filosofia do Instituto
Federal Catarinense (IFC), campus
São Francisco do Sul.

O texto realiza uma resenha do livro Revolución – Una historia intelectual do historiador italiano Enzo Traverso. O tema essencial de cada um dos capítulos do livro é destacado e o texto faz uma breve discussão final sobre a noção de imagem dialética em Walter Benjamin e sobre o título do livro.

Palavras-chave: *Revolução; Imagem dialética; Comunismo; Walter Benjamin; Memória.*

This text reviews the book Revolución – Una historia intelectual by the Italian historian Enzo Traverso. The essential theme of each chapter is highlighted, and the text offers a brief concluding discussion on the notion of the dialectical image in Walter Benjamin and on the book's title.

Keywords: *Revolution; Dialectical image; Communism; Walter Benjamin; Memory.*

Este texto reseña el libro Revolución – Una historia intelectual del historiador italiano Enzo Traverso. Se destaca el tema esencial de cada capítulo y se ofrece una breve conclusión sobre la noción de la imagen dialéctica en Walter Benjamin y el título del libro.

Palabras clave: *Revolución; Imagen dialéctica; Comunismo; Walter Benjamin; Memoria.*

Em *Revolución – Una historia intelectual*, Enzo Traverso apresenta um multifacetado panorama da noção de revolução. A ideia de “panorama” deve ser enfatizada pois, metodologicamente, é disso que se trata: uma vista, às vezes abrangente, às vezes com lupa, do modo como a revolução se tornou um elemento cultural da nossa época. A ideia de imagem aqui é fundamental: Traverso se propõe a realizar uma historiografia benjaminiana, ancorada na noção de imagem dialética (p. 49), uma espécie de colagem de imagens (p. 50) ou um filme com uma montagem *sui generis* (p. 51). Daí que quem estiver esperando uma história sistemática das revoluções irá necessariamente sair desapontado. A abordagem aqui é totalmente outra: de um ponto de vista, digamos, positivista, o livro soa evocativo e frouxo em seus nexos internos. Todavia, ele deve ser julgado por aquilo que se propõe e, nesse ponto, é preciso reconhecer que a fatura é muito bem-sucedida.

Traverso pensa a revolução adotando um tom que poderia ser descrito como simpaticamente sóbrio: não se trata nem de uma defesa apaixonada, doutrinalmente impassível aos escombros produzidos por elas, tampouco de uma abjuração. O livro pretende evitar tanto a “estigmatização conservadora [quanto a] apologia cega, [tanto] o exorcismo contrarrevolucionário [quanto] a idealização desesperada” (p. 56). Ainda assim, a dignidade das revoluções se ampara na cesura histórica que encarnam: “as revoluções são a respiração da história” (p. 35). O livro então perfila e disserta sobre algumas imagens,

por vezes esquecidas, organizadas sob os ícones de locomotivas, corpos, símbolos de memória, intelectuais revolucionários e liberdade. Os capítulos se estruturam segundo esses temas. Por fim, o livro se encerra com um capítulo sobre a historicização do comunismo. Justamente essa heterogeneidade faz o livro difícil de ser resenhado, pois se corre o risco de mimetizar o caleidoscópio que o informa, embora sem o mesmo brilho.

O capítulo 1, sobre locomotivas, explora a noção de tecnologia e progresso inscrita no pensamento revolucionário: desde o trem como metáfora da revolução, passando pelo uso dos trens pelos revolucionários mexicanos e pela alteração profunda da experiência do espaço e do tempo, até o uso de armas de destruição que levaram a mudanças, sobretudo após a Segunda Guerra, na teoria marxista da tecnologia (p. 90). A partir desse novo diagnóstico se opera a inversão da metáfora da locomotiva: ao invés de entender a revolução como o trem, ela passa a ser entendida como o freio de emergência que detém o movimento (p. 119-120).

Na parte sobre corpos revolucionários, capítulo 2, talvez estejam presentes as observações mais desconcertantes e os achados mais curiosos de Traverso. Ele descreve uma espécie de “socialismo Frankenstein” que se desenvolveu como uma orientação menor no interior da Revolução Russa. Ainda que hoje haja uma tendência saudável em lembrar que na época pré-stalinista a Revolução se constituiu como um marco fundamental e modelar no estabelecimento de direitos

sociais – por exemplo, o estudo de Wendy Goldman *Mulher, Estado e Revolução* (Goldman, 2015) –, Traverso destaca personagens um tanto excêntricos e mesmo funestos, como Leonid Krasin, cuja crença na imortalidade contribuiu para o embalsamento de Lênin (p. 170-171). Ou então a trágica história de Bogdanov, cuja crença no poder rejuvenescedor do sangue fê-lo realizar uma transfusão que o levou à morte (p. 182-183). Traverso, em que pese sua franca simpatia ao líder revolucionário, nota que a compreensão prometeica de Trotsky a respeito da natureza conduziu-o a posições eugenistas e antiecológicas (p. 186). A política sobre os corpos na União Soviética seria ainda vítima de visões bastante contrastantes no que tange à sexualidade, abrigando desde ideias que antecipariam a revolução sexual até o “ascetismo puritano”, a ponto de Traverso descrever o panfleto de Aron Zalkind – que rejeitava toda sedução em nome de uma sexualidade vinculada aos interesses de classe – como uma compreensão do socialismo enquanto “um severo e monástico hospício de trabalho” (p. 202).

No capítulo 3, sobre memória, Traverso nota como as revoluções não criaram um “reino de memória” propriamente dito e compartilhado, mas antes se estabeleceram como um vazio e imaterial: a memória da revolução é sua força destrutiva, um vácuo que acabou por não erigir locais materialmente dotados dos valores expressos pelos movimentos. Os monumentos propriamente revolucionários são como que fagocitados – e pacificados – por uma memória nacional: a tomada da Bastilha e do Palácio de Inverno, a Marselhesa e o Panteão. A memória revolucionária é neutralizada porque é enquadrada em uma maior “história nacional”. Por outro lado, os monumentos contrarrevolucionários se incorporam materialmente ao espaço, vide a Basílica de Sacré-Coeur ou a fonte Saint-Michel. Não

por acaso, é nesse sentido que se deve compreender a noção de “vandalismo revolucionário”, isto é, como a revolução regenera o corpo social destruindo os símbolos de tirania (p. 254).

O capítulo 4, sobre os intelectuais revolucionários, oferece uma espécie de sociologia do intelectual – sugestivamente é talvez a parte mais “sistemática” do livro, com uma tabela enquadrando uma série de intelectuais conforme uma tipologia. Traverso mostra a tensão e mesmo contradição inerente à incorporação dos intelectuais nos movimentos revolucionários. Ainda que formalmente pareça uma desconfiança sobre eles – eles não fazem parte do proletariado, confundem-se com os boêmios e vagabundos –, Traverso mostra como a participação dos intelectuais foi fundamental e, por vezes, majoritária. Segundo o historiador, a Revolução Húngara de 1919 foi conduzida por uma imensa maioria de intelectuais, boa parte deles judeus (p. 363). Neste capítulo, é desenvolvida uma classificação dos intelectuais revolucionários do Sul global: cosmopolitas arraigados (aqueles que fizeram sua formação pelo mundo e voltaram a seus países – Ho Chi Minh, por exemplo, cuja presença na fundação do Partido Comunista Francês atesta seu cosmopolitismo), revolucionários telúricos (cuja formação e atuação foi realizada sob a mesma fronteira – Mao Tsé-Tung) e internacionalistas sem raízes (do qual Che Guevara seria o representante típico).

O capítulo 5 trata da noção de liberdade e liberação. A análise de *A liberdade guiando o povo*, de Eugène Delacroix, com todas as ambiguidades, expressa a tensão entre uma liberdade que se faz na luta política, mas se normaliza como ordem monárquica. De outro lado, as críticas à maneira como Michel Foucault – aproximado ao neoliberalismo, apologeta da liberação, mas refratário a formas institucionais da liberdade – e Hannah Arendt

– cuja compreensão de uma liberdade política desvinculada do social – são duras e incisivas. É justamente dessa equação mal resolvida e por se resolver que se alimenta o problema da revolução, a saber: como é o dia seguinte à revolução? Que formas a liberdade pode assumir?

Em *Historicizar o comunismo*, o último capítulo, Traverso advoga um mosaico plural de comunismos formados por quatro prismas: revolução, regime, anticolonialismo e social-democracia. Ou seja, ao invés da compreensão padrão do comunismo como um movimento unificado ele deve ser julgado tanto por seu conteúdo potencial – a revolução e os ideais que a informam e que, bem ou mal, continuam inspirando pessoas – quanto por seus resultados – seja as realizações dos governos sob sua bandeira, no qual estão gravadas todas as contradições, mas também seu papel na luta pela libertação nacional e na consolidação da social-democracia (os Estados Unidos do New Deal, mas também França e Inglaterra no pós-guerra). Assim, a tragédia do comunismo lembra a de Fausto: “Duas almas tenho em meu coração” (Goethe, 2023, p. 81), à diferença que o comunismo teria ao menos quatro. Traverso mostra essa trajetória a partir de uma figura singular, Ilio Barontini, que teria encarnado várias dessas dimensões. A sugestão de Traverso, mais uma vez tipológica, é interessante e parece profícua. Difícil não pensar aqui, no que diz respeito ao Brasil, em Gildo Marçal Brandão e seu *A esquerda positiva – As duas almas do partido comunista (1920-1964)* (Brandão, 1997). Brandão antecipa como o comunismo guarda esse tipo de ambivalência que visões empobrecidas tendem a aplainar ao tomá-lo por seu valor ideológico de face.

Para findar, duas notas. Sobre o método, a controversa noção de imagem dialética é pensada por Benjamin de uma maneira um pouco críptica. Segundo ele

Na imagem dialética, o ocorrido de uma determinada época é sempre, simultaneamente, o “ocorrido desde sempre”. Como tal, porém, revela-se somente a uma época bem determinada – a saber, aquela na qual a humanidade, esfregando os olhos, percebe como tal justamente esta imagem onírica. É nesse instante que o historiador assume a tarefa da interpretação dos sonhos. (Benjamin, 2006, p. 506).

A respeito ele ainda escreve que “Ao pensamento pertencem tanto o movimento quanto a imobilização dos pensamentos. Onde ele se imobiliza numa constelação saturada de tensões, aparece a imagem dialética” (Benjamin, 2006, p. 518). É precisamente por meio desse procedimento que Traverso opera. Isso significa uma história radicalmente antipositivista, porque não importa propriamente a reconstituição rankeana daquilo que aconteceu, mas o que essas imagens, ao modelo de um sonho, permitem evocar. E por que essas imagens e não outras? Justamente porque é nelas que está fortemente impregnado um instante da época. Traverso permanece bastante fiel ao espírito de Benjamin ao privilegiar uma história, acima de tudo, visual. É preciso mencionar que o livro é repleto de ilustrações.

Como último tópico, uma palavra sobre o título do livro. A edição francesa tem como subtítulo “une histoire culturelle”, ao passo que as versões espanhola e inglesa remetem a “uma história intelectual”. O próprio Traverso menciona que o melhor título é “cultural”. Esse subtítulo expressa melhor o espírito do livro, na medida em que demonstra como a revolução passou a ser um elemento cultural incontornável do nosso tempo. Se as imagens que evocam a revolução serão um ingrediente capaz de liberar as energias de nossa época, ainda é uma questão em aberto.



Referências

- Benjamin, W. (2006). *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG.
- Brandão, G. M. (1997). *A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964*. São Paulo: Hucitec.
- Goethe, J. W. (2023). *Fausto*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Goldman, Wendy (2015). *Mulher, Estado e Revolução*. São Paulo: Boitempo.
- Révolutions: renverser l'ordre injuste pour inventer le futur*. (2023, 16 de abril). Julien Théry. LEMEDIA. Recuperado de <https://www.lemediatv.fr/podcasts/2023/revolutions-renverser-lordre-injuste-pour-inventer-le-futur-enzo-traverso-julien-thery-yF0YkB5XSQmhHxi-BOepmQQ>. Acesso em: 11 de março de 2025.
- Traverso, E. (2022). *Revolución – Una historia intelectual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Recebido em 29/03/2025. Aprovado em 26/08/2025.



Licença CC BY-NC 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International – CC BY-NC 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio para fins não comerciais, desde que o trabalho original seja corretamente citado.